

# Luta ideológica divide o PFL

Josemar Gonçalves

“As divisões do PFL na Comissão de Sistematização da Constituinte, somadas à atitude dramática do presidente José Sarney em favor do presidencialismo, levam à conclusão de que o partido racha, daqui para a frente, inapelavelmente. O PFL jamais será o mesmo, nem como partido, nem em termos de posturas».

A constatação é do 1º vice-líder do PFL, deputado Alceni Guerra (PR), ao verificar a existência de um «conflito sério» no partido, a partir de «divergências ideológicas» que começam a se tornar evidentes, segundo ele, nas discussões em torno dos temas que estão sendo votados na Constituinte. Guerra observa que uma parte do PFL acusa a outra de estar querendo «jogar para a platéia», ao votar com a esquerda, enquanto a outra reage, dizendo que esta parte que acusa não chegou sequer à era capitalista, situando-se ainda no pré-capitalismo».

## Equiparação

O problema, segundo o deputado é que a parte do PFL que não tem sequer «espasmos liberais» não consegue enxergar que está na hora de «se transformar as estruturas do capitalismo selvagem em capitalismo moderno».

Ele citou como exemplo as discussões em torno da estabilidade no emprego e da proteção às pequenas propriedades rurais através de norma que impede que elas sejam penhoráveis. Em relação à estabilidade, Guerra observa que o setor acusado de «jogar para a platéia», no qual ele é incluído, encara o dispositivo constitucional como «garantia de emprego», dando uma real motivação para o trabalho, que deixa de ser encarado de forma negativa, com a ameaça de demissões, e passa a ser encarado numa perspectiva positiva, através do processo de treinamento, participação nos lucros da empresa e promoções».

Já em relação às pequenas propriedades rurais, Guerra diz que no dia em que elas desaparecerem, também desaparece o capitalismo. «É preciso completa — fazer com que essas pequenas propriedades possam resistir ao capitalismo selvagem dos banqueiros através de dois mecanismos: o seguro agrícola, quando houver frustração de safra, e penhora da produção, quando esta for normal».

## Reação

O deputado paranaense, cita entre os que têm visão moderna do capitalismo, além dele próprio, José Thomaz Nonô (AL), José Jorge (PE), Mário Assad (MG), Sandra Cavalcanti (RJ) e o senador Carlos Chiarelli (RS), e entre os pré-capitalistas os deputados Francisco Benjamim (BA), Ricardo Fiúza (PE), Ricardo Izar (SP) e Luís Eduardo (BA). Este último toma a defesa dos que seriam os «pré-capitalistas», ao garantir: «Nós é que somos os verdadeiros progressistas».

Segundo Luís Eduardo, da forma como está redigido o mecanismo de estabilidade os trabalhadores serão prejudicados, pois as empresas terão várias «saídas» como por exemplo demitir «por questões tecnológicas». Na fórmula dos acusados de «pré-capitalistas», segundo ele, a substituição de trabalhadores por computadores seria dificultada «porque o patrão teria que pagar uma indenização progressiva, conforme o tempo de serviço».



O primeiro Congresso do PSB reuniu cerca de 500 militantes no auditório Nereu Ramos, na Câmara

## Exército já tem quatro vagas para generalato

Com a morte do chefe do Estado Maior do Exército, general Fernando Valente Pamplona, subiu para quatro o número de vagas na patente de general de Exército. A escolha dos nomes para ocuparem essas vagas será feita pelo alto comando do Exército em reunião prevista para o início do mês de novembro.

As vagas ao último posto no Exército foram abertas com a morte de Pamplona, a passagem para a reserva do general Demócrito Correa da Cunha por motivos de saúde, e a nomeação nos próximos dias de dois generais para ocuparem o cargo de ministro do Superior Tribunal Militar nos lugares dos generais Heitor Luis Gomes de Almeida e Túlio Chagas Nogueira que foram reformados por atingirem a idade limite.

Ainda esta semana, o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, vai escolher o general de Exército que irá substituir o general Pamplona na chefia do Estado Maior do Exército. Até a escolha, ficará respondendo pelo cargo o vice-chefe do Estado

Maior, general de divisão Carlos Tinoco Ribeiro.

Sobre a morte de Pamplona, o Centro de Comunicação Social do Exército divulgou pequenas notas à imprensa informando sobre a morte e o sepultamento no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, e o perfil do general. Pamplona, cearense de 64 anos, como chefe do Estado Maior do Exército era o segundo homem mais forte dentro da Força. Era ele quem substituiu o ministro Leônidas Pires, à frente do Ministério quando este se ausentava do País e responsável pela política administrativa do Exército. Considerado por seus amigos como um homem de grande capacidade profissional, Pamplona como oficial-general comandou a Brigada de Paraquedista, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a 2ª Divisão do Exército. Exerceu ainda as funções de diretor de Formação e Aperfeiçoamento, foi vice-chefe do Estado Maior do Exército e ocupava a chefia do Estado Maior desde março de 1986.

## PSB rejeita influências capitalistas

O PSB deve ser um partido realmente socialista, recusando qualquer conotação social-democrata, diante do conteúdo capitalista dessa tendência ideológica. Essa decisão foi adotada ontem, no encerramento do 1º Congresso do Partido Socialista Brasileiro, que desde sexta-feira reuniu, no auditório Nereu Ramos, da Câmara, cerca de 500 militantes da legenda.

Hoje serão divulgados dois documentos básicos discutidos pelo Congresso e que dizem respeito à definição do socialismo pretendido pelo partido e aos objetivos do PSB diante da realidade nacional. O primeiro documento mostrará que os socialistas não devem lutar pela reforma do capitalismo, mas pela sua substituição por uma nova ordem social mais justa e com maior ênfase aos interesses dos trabalhadores.

O texto demonstrará ainda que a social-democracia — sistema vigente na Alemanha Ocidental e na Suécia — é uma experiência ultrapassada e que só foi viável nesses países porque foi montado com base na exploração dos trabalhadores europeus e do terceiro mundo.

## Adesões

O Congresso do PSB foi convocado para discutir não só a linha doutrinária, mas também a organização do partido que, nos termos da lei, deve preencher os requisitos de registro definitivo até abril. O presidente nacional do partido, senador Jamil Haddad, disse não ter dúvida de que ainda este ano tais requisitos estarão preenchidos (diretórios em pelo menos nove estados e em 20% dos municípios desses estados).

Além das boas perspectivas no seu processo de organização, o PSB espera receber até o início do ano importantes adesões. Já no próximo sábado receberá, no Rio de Janeiro, as filiações do prefeito Saturnino Braga, do vice-prefeito João Rezende e dos ex-deputados José Frejat e José Eudes, todos originários do PSB.

Com essas adesões, o PSB acredita que tem condições de disputar a prefeitura do Rio no próximo ano com grandes chances de vitória. Haddad afirma que o partido também tem boas possibilidades de eleger prefeitos em Porto Alegre (Fúlvio Petraco) e Manaus (o ex-deputado Artur Virgílio).

No Congresso, o senador tem como certa a filiação, após os trabalhos da Constituinte, dos deputados Ademir Andrade (PA), Cristina Tavares (PE), Rachel Capiberibe (AM), Abigail Feitosa (BA) e Paulo Ramos (RS). Essa lista poderá crescer, na dependência do novo esquema de sustentação do governo pretendido pelo presidente Sarney.

Na avaliação do senador Haddad, se o chamado “Centro Democrático”, do PMDB tiver influência significativa nesse esquema, “será inevitável o afastamento da esquerda peemedebista” que integra o MUP (Movimento de Unidade Progressista). Nesse caso, a opção de parte do MUP será pelo PSB.

Independentemente dessa questão, o PSB e o MUP já acertaram para o início do próximo ano a realização de um novo congresso da militância socialista.

## PTB exige definição para apoiar o governo

O PTB espera que o presidente José Sarney dê o primeiro passo, para então decidir se apóia ou não o Governo. Mais uma vez convidado a participar do Governo, o PTB, vai esperar que Sarney delineie o tipo de governo que pretende implantar, que mudanças ministeriais vai fazer e que ministros vai convidar para participar do Governo a partir de agora. Uma coisa é certa: se estes ministros não se afinarem com o partido, o PTB se negará a participar ou mesmo apoiar o Governo.

Ao manifestar o desejo de que o PTB participe do Governo, Sarney não tomou nenhuma iniciativa

concreta de como seria esta participação, no encontro que manteve com o líder do partido, deputado Gastone Righi (SP), na última quinta-feira. Diante disso, Gastone vê dificuldades em mostrar o documento de Sarney, “Democracia e Desenvolvimento”, à bancada do partido composta de 19 parlamentares, na tentativa de buscar algum apoio ao Governo, pois tal atitude significaria sobre hipoteses.

A bancada do PTB, bastante heterogênea, encontra-se no momento totalmente dividida, apesar de boa parte dela ter uma leve inclinação a apoiar Sarney.